



■ Rubiane Maia, O jardim, Performance [2 meses]. Exposição 'TERRA COMUNAL + Marina Abramovich + MAI' SESC POMPÉIA, São Paulo, Brazil, 2015.
Fotografias: Tete Rocha, Hick Duarte, Victor Nomoto e Victor Takayama

O ESCRITO E O NÃO ESCRITO:

a escassez na medula do vocabulário de Carolina Maria de Jesus¹

DANIEL CASTRO BARROS*

SABRINA SEDLMAYER**

DOI: <https://doi.org/10.35699/2316-770X.2023.40658>

RESUMO: O seguinte artigo adentra algumas das obras de Carolina Maria de Jesus com atenção ao modo com que sua abordagem da escassez transpõe o conteúdo explicitado e se pronuncia através do seu próprio estilo de escrita. Explora-se, conjuntamente, a ideia do ato de inserir-se na cultura como gesto de mobilização dos favelados frente à miséria a que estão subjugados. O contexto histórico, o processo editorial e outros aspectos atuantes na publicação de Quarto de Despejo também têm espaço no artigo de modo a evidenciar a relação entre a autora, sua imagem difundida e os impactos desses fatores, tanto em sua obra quanto em sua vida.

PALAVRAS-CHAVE: Fome. Periferia. Quarto de Despejo. Escrita. Pobreza.

The written and the unwritten: scarcity in the core of Carolina Maria de Jesus' vocabulary

ABSTRACT: The following article looks into some of Carolina Maria de Jesus' works with attention to the way her approach of scarcity transposes the explicit written content and is pronounced through her own writing style. It also explores Carolina's idea about the act of reading and writing as a way of mobilization of poor people against the misery to which they are subjugated. The historical context, the editorial process and other active aspects in the publication of Quarto de Despejo also have place in this article in order to highlight the relationship between the author, her image and the impacts of this elements inside her work and in her life.

KEYWORDS: Hunger. Periphery. Quarto de Despejo. Writing. Poverty.

* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

** * Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

1 O artigo O escrito e o não escrito: a escassez na medula do vocabulário de Carolina de Jesus foi escrito a partir da participação do autor, como bolsista de iniciação científica pelo CNPq, no projeto de pesquisa intitulado Intérpretes da fome na literatura brasileira, sob orientação da professora-doutora Sabrina Sedlmayer.

Introdução

Carolina Maria de Jesus, quando residente da favela do Canindé, escreveu sua obra em uma série de cadernos, muitos destes encontrados ao longo do seu trajeto como catadora em São Paulo, vários contendo relatos da sua vida cotidiana. Partes de suas memórias, selecionadas entre as centenas de páginas de manuscritos, deram forma ao livro *Quarto de Despejo*, publicado em 1960, com sucesso não apenas imediato, mas, sobretudo, anterior à própria publicação.

Esse último fato, talvez pouco comum a outras obras, encontra seu argumento na esfera dentro da qual se gestou *Quarto de Despejo*, que, ao longo de sua composição pelas mãos de Carolina de Jesus, foi envolto de outros agentes atuantes para dar talhe e direção específicos à escrita, posteriormente recebida pelo público leitor.

Por meio das intervenções sofridas pela obra da autora, amiúde efeitos distintos dos, por ela, pretendidos foram dados às suas palavras. Essas mudanças, em muitos dos casos, propunham, sutilmente, uma forma de leitura — forma esta que se efetivou fiada nos propósitos almejados por Audálio Dantas, editor do livro, juntamente à adesão de um *marketing* que inflamava expectativas nos futuros leitores e da imprensa, operando nesta mesma frente ao incorporar a escritora às suas páginas.

Caso foi-se, portanto, pré-estabelecida uma leitura e se alterações foram feitas em *Quarto de Despejo* para satisfazerem a um objetivo outro, nos surge a oportunidade de usar dessas circunstâncias para tentar compreender de que maneira as temáticas abordadas por Carolina de Jesus — das quais as mais eloquentes são a fome e a pobreza — podem adquirir contornos distintos pelos aspectos que ficaram ausentes da publicação. A partir disso, vale, por fim, tentarmos enxergar como essa escassez, enquanto fator através do qual a então catadora escreve, é um assunto que, situado para além das suas declarações explícitas, frequentam, de modo imanente, a verve e a gramática da sua obra.

Para ser possível maior precisão, não será vão visitarmos, também, a edição de *Casa de Alvenaria*, publicada pela Companhia das Letras em 2021, sem interferências no texto dos manuscritos durante sua editoração. Nele, embora tenha-se a continuação do diário da autora a partir de 1960 – momento de sua saída da favela –, há a descontinuidade de uma série de atributos da personagem lida em *Quarto de Despejo*, de modo a podermos nos demorar sobre os porquês dessa dissemelhança.

O enredo que enquadra a autora e a escrita que esquadrinha o entorno

No momento histórico em que *Quarto de Despejo* se concluía – fim dos anos 1950 –, observamos uma modernização acelerada do Brasil sob o governo de Juscelino Kubitschek e, principalmente, de uma São Paulo que crescia a largos passos. Alçava-se um emblema do progresso e da prosperidade nos centros urbanos que se verticalizavam e se industrializavam. Todavia, o ritmo da evolução produzia seus próprios obstáculos silenciosamente e, no ânimo dessa vitalidade, se escondiam da população e do Estado o apuro dos cidadãos que não colhiam as benesses, mas os juro da modernidade: as periferias se avultavam sem qualquer assistência ou visibilidade, tornando-se cada vez mais abrigos da pobreza, da fome e da violência. A capital paulista, como uma das protagonistas dessa marcha, representava em seu progresso uma espécie de promessa, o que foi motor de migrações e de um conseqüente crescimento populacional. Noções sobre as periferias só alcançavam a cidade através de fatores esparsos como os sambas, em certas ocasiões do morro descidos ao asfalto, e esboçando a favela através de um prisma que, muitas das vezes – não todas –, cantava a relação de afeto dos músicos com suas comunidades. Soma-se a isso o contato dos cidadãos da “sala de visitas” com a literatura, como ainda hoje ocorre, consistindo-se numa intimidade, se não com o cânone, pelo menos com uma escrita que baseada nele se realiza. Mesmo movimentos políticos, células partidárias, meios intelectuais, estudantis ou alguns indivíduos da própria imprensa alimentados e regidos por ideias de cunho social, em sua maioria punham bandeira em riste considerando um juízo sobre os contrastes de classe advindo de uma compreensão exterior às periferias.

Carolina Maria de Jesus, por outro lado, do o início de sua vida em Sacramento até sua ida para São Paulo, esteve sob jugo da fome e da miséria. Assim, quando na capital, assomou-se sua residência na favela do Canindé ao seu ofício de perambular pela cidade que se enriquecia, dando nitidez ao contraste de classes ao qual estava sujeito o seu contexto. Se aos cidadãos da “sala de visitas” as periferias eram territórios cobertos de um certo enigma, no caso da autora havia uma interpretação não apenas de sua própria classe, mas também do centro urbano, o que se revela mesmo na sua concepção da favela como um quarto de despejo, termo que por si repercute uma imagem dos desníveis entre a região de maior prestígio da cidade em relação às suas margens.

Expostos estes pontos, não parece desafio notar, em Carolina de Jesus, uma personalidade que sabia trazer à luz, detalhadamente, a angústia, desconhecida às classes média e alta, de se viver na favela. Mais importante, ela o fazia matizando seu apelo, muitas vezes numa gradação de protesto político, sobretudo quando a fibra de sua voz encontrou a possibilidade de alcançar volume mais alto e orientado ao conhecer Audálio Dantas com sua promessa de publicá-la e ao ter espaço nos jornais.

Logo, parecem confluir-se o momento histórico do Brasil com as abordagens da autora, de forma que, se a publicação de *Quarto de Despejo* pode ser vista como a materialização dessa correspondência, sua pedra angular pode ser assinalada pelo primeiro encontro entre a favelada e o jornalista.

As entonações em que se proclama a escassez

O encontro entre ambos deu-se na favela do Canindé e, já naquele momento, ao tomar ciência dos manuscritos da autora, o jornalista atribuiu relevo maior aos seus diários em detrimento à sua poesia, contos e dramas, gêneros aos quais a autora menciona ter se dedicado com maior afincamento que às suas memórias. Disso se depreende que Dantas enxergava uma manifestação das pautas sociais muito mais latente nas agruras vividas pela autora quando escritas de modo direto. Isso viria a se confirmar em outros momentos, como numa reportagem em que o jornalista diz: “É no ‘diário’, porém, que se encontra a autêntica Carolina Maria de Jesus, favelada falando da favela³”.

A autora, diversamente, não parecia fazer entre os gêneros literários uma distinção acerca de qual era mais eloquente sobre a sua realidade e a realidade do favelado. Tanto em *Quarto de Despejo* quanto em *Casa de Alvenaria*, em vários momentos

2 PERPÉTUA, 2014

3 PERPÉTUA, 2014, p.29

é possível testemunharmos a autora recomendando a escrita literária àqueles que se queixavam com ela sobre a miséria, bem como não são poucas as vezes em que a então catadora alude à necessidade da leitura no contexto periférico. É como se a autora encarasse a atitude de inserir-se na cultura, difundi-la, ler e escrever, enquanto gestos por si só capazes de serem uma alternativa mobilização em objeção à fome, à pobreza e às demais implicações das quais são vítimas os marginais; como se o contato com a literatura e com a cultura, quando exercido a partir das margens da sociedade, fossem um diálogo com a escassez que as envolve.

Em *Casa de Alvenaria*, Carolina de Jesus chega a atribuir à leitura um caráter quase de fármaco moral:

O livro é o tônico do Espírito! É o depurativo dos defeitos humanos! É o coadjuvante na formação moral do homem! O homem que lê com assiduidade, não transfôrma-se em farrapo humano porque o livro fortalece a sua integridade, os íntegros não desviam das pautas da vida. (JESUS, 2021, p.185).

Enquanto o consumo da literatura figura como a ingestão de um tônico, acerca da escrita Carolina de Jesus parece imaginar o movimento inverso; algo como um gesto de expectorar os suplicios, mas não somente: debruçar-se sobre o papel figura, à autora, sobretudo como uma esperança do pobre de evadir do seu estado miserável, tal como ocorreu com a catadora em relação ao seu diário.

A nós, leitores, dar ênfase a essa escassez que não precisa ser referida para ser confessada, não subtraí, contudo, a dimensão da fome e da pobreza que se declara em todas as letras enfileiradas. O que se pode constatar na escrita de Carolina Maria de Jesus, me parece, é uma concepção da fome e das vontades do pobre que, diferentemente da maneira da “sala de visitas” as observar, está, sim, contida na carência alimentar e nos vários problemas das periferias, mas não se encerra apenas no impulso irrefletido de sobrevivência dos indivíduos, na ânsia de suprir suas carências fisiológicas ou de buscar abrigo, tal e qual qualquer organismo necessita. O pobre, muito além disso, deve ter território também na cultura, deve se poder fartar pelo conhecimento e pela literatura que nem sequer o alcançam. Em resumo, a reivindicação da autora toma o caminho oposto a uma resolução de que a fome do pobre se basta na nutrição capaz apenas de prover substância para o corpo se estender suficientemente teso sobre as pernas e para que a vista não tinja de amarelo tudo quanto é visto pelo faminto.

Evidências do que foi escrito terão maior espaço a partir de exemplos do contraste entre publicação e manuscrito de *Quarto de Despejo*. Antes, tendo em conta o que fora explorado, recobramos as características e motivações do processo editorial com estratégia de, por fim, inferirmos como isso se relaciona com as questões suscitadas acima.

Um cenário histórico sintético foi descrito anteriormente e, nesse sentido, a atuação de Audálio Dantas, que era, inclusive, um ativista pelas causas populares, comunicava-se diretamente com as adversidades do seu tempo. Ao vislumbrar nas palavras de Carolina Maria de Jesus, e em sua figura, alguém apta a tornar sonoras exclamações sobre o tratamento do Estado com as periferias, ao mesmo tempo em que conjugava aos seus clamores uma narrativa que se aprofundava naquela geografia inédita aos cidadãos — e nova ao próprio cenário literário —, Audálio Dantas tomou o diário da autora como um instrumento capaz de acender os meios urbanos e torná-los mobilizados. A partir de então, a difusão da imagem da escritora favelada e dos trechos do que seria sua futura obra, para atender a estes princípios, deveriam promover Carolina Maria de Jesus como a representante dos favelados, como metonímia dos pobres², “como personagem símbolo de um cosmo em transformação e como sintoma de um padrão que não mais condizia com a *modernização* proposta” (LEVINE;MEIHY, 1994, p.46. apud PERPÉTTUA, p.43); sem contar que sua etnia, sua fome, seu gênero e sua localização faziam despontar dilemas nacionais profundos que, ao aproximar dos anos sessenta, já começavam ganhar musculatura.

Se é útil acrescentar que o gesto de Dantas não tinha más intenções e seu fim era, sobretudo, virtuoso, em contrapartida é proveitoso avaliar em que medida essa mesma virtude pode ter trazido consigo, por engano, uma circunstância favorável para a “sala de visitas”, ao mesmo tempo predispondo-se a notar a realidade periférica através da leitura de *Quarto de Despejo*, com isso só rebuçavam, com uma postiça e conveniente preocupação social, a mesma postura de segregação dos miseráveis, uma vez que os favelados seguiram não sendo tratados como sujeitos, indivíduos, mas sim um agrupamento.

Acerca da abordagem pretendida sobre a autora e sua obra em relação às questões sócio-políticas das periferias, é também oportuno salientar como, a despeito da leitura indiretamente orientada pelas escolhas editoriais e pelo *marketing*, a obra de Carolina Maria de Jesus é impossível de ser despojada do seu elemento mais relevante: seu

livro é uma obra escrita. É por tal afirmação parecer demasiado óbvia e, portanto, soar pouco merecedora de longas conjecturas, que talvez seja tão fácil ignorá-la sem que, ao fazê-lo, nos atentemos estar desviando olhos à cisão entre duas realidades em muitos sentidos dissemelhantes: a realidade escrita e a não escrita. Um dos efeitos disso é tornarmos-nos leitores vulneráveis a enxergar tais dimensões, irrefletidamente, como parênteses entre si, complementares ou mesmo correspondentes.

Em seu artigo intitulado *Mundo escrito e mundo não-escrito*, Ítalo Calvino se debruça, partindo de suas inquietações pessoais, sobre a mencionada oposição quase inconciliável entre ambas esferas. O crítico, em defesa da sua posição, vai além da análise de obras literárias e menciona como mesmo os fatos veiculados em suportes que se pretendem emissários leais das ocorrências — a exemplo dos noticiários televisivos ou jornais impressos —, mesmo estes, por mais desapaixonados e isentos que se queiram, ao exprimirem a realidade simultaneamente corrompem-na ao lançarem mão do discurso e da escolha sobre o que será ou não dito.

4 CALVINO, 2015.

Portanto, a mesma linguagem a expressar algo carrega consigo não a realidade desnuda, mas leituras, julgamentos e classificações acerca desta. Frente a isso, o que Calvino encontra como solução é o simples gesto de “sair e andar por aí.”⁴, ou seja, ter contato com o mundo não escrito. Quando, porém, a voz de Carolina em *Quarto de Despejo* se sobrecarrega de um estatuto de incontestável “(...) retrato trágico da fome e da miséria” e “documentário verídico, profundamente corajoso e inocente, um grande testemunho real surgido da sofrida inteligência do povo brasileiro” (JESUS, 1960, s/p apud CORONEL, 2014), não somente está proposta nisso uma leitura que reduz a complexidade da obra de Carolina, como também confina a problemática das pessoas marginalizadas e das periferias brasileiras no interior de uma única voz, poupando assim os leitores da sala de visitas de precisem sair de suas poltronas para se crerem face a face a um mundo estrangeiro.

Parece-me pouco evidente e difícil de afirmar se, mesmo tendo conhecimento da ampla capacidade de difusão das suas afirmações, Carolina de Jesus sabia das intenções políticas contidas no manuseio de suas pautas. O que se sabe é que, com as publicações sobre Carolina na imprensa, com seus comentários em entrevistas sobre seu dia-a-dia e com trechos de *Quarto de Despejo* disponibilizados antes de a obra ser concluída, os efeitos de sua popularidade passaram a ser surtidos na própria composição

do livro, uma vez que a turbulência da vizinhança da autora com ela e a excitação do público foram se tornando, cada vez mais, materiais a serem incluídos nos seus diários. As somáticas impressões do livro ainda não publicado, ao mesmo tempo que conduziam Carolina a sentir-se ansiosa pelo lançamento de *Quarto de Despejo*, fizeram-na aperceber-se, também, como o *marketing* a envolvia em propósitos mercadológicos. Ela nota em uma parte suprimida de seu diário: “O livro esta no embrião e os jornalistas ja estão visando lucros nas vendas do livro. O branco e tão ambicioso que até da nojo.” (JESUS, 1958 apud. PERPÉTTUA, 2014).

A esta atmosfera antecedente à publicação de *Quarto de Despejo* sucedeu-se a impressão de um livro com diversos aspectos paratextuais (título, subtítulo, orelhas, apresentação, capa, ilustrações etc.) que apontavam à já mencionada direção de leitura e encaminhavam a uma interpretação puramente sociológica do que a autora escrevia, sutilmente atribuindo um caráter documental ao diário e quase turvando a motivação literária que a escrita de Carolina Maria de Jesus abrigava.

Não é difícil, porém, compreender o porquê de o veio literário de sua obra frequentemente se dissipar por parte dos leitores atuais ou de outrora; isso talvez se dê em razão de o Brasil amargo desenhado em *Quarto de Despejo* ser tão acessível de se evidenciar com os próprios olhos, seja mirando o século ido ou o século este. Por outro lado, é digno de nota que a presença das obras de autores do cânone literário, junto ao entusiasmo para escrever literatura, sempre rondaram a vida de Carolina e que, desde que disso dera conta, carregar consigo escrita e leitura se tornou uma espécie de missão.

Seu repertório, contemplando, mormente, autores românticos, formou na então catadora uma ideia do que é literatura a partir da poesia e do romance, que para ela deviam realizar-se de acordo com a variante culta do uso da língua, que ela cunhava de “português clássico” ou apenas “o clássico”. Não em vão, durante sua trajetória enquanto autora, ela se debruçou com maior dedicação aos gêneros que lia — com destaque à poesia —, nos quais via-se num lugar em que poderia usar do “clássico” para sua escrita. Isso não a impedia, claro, de tornar manifesto ao longo dos seus diários e verbalizado em seu dia a dia esse vocabulário extraído de suas experiências com a literatura.

Mesmo com variados manuscritos produzidos ao longo dos anos visando publicá-los e objetivando que estes a fizessem reconhecida como autora de literatura e poeta, Carolina de Jesus sempre encontrou entraves para ter demais gêneros, além do seu diário, ocupando espaço nas editoras e livrarias. Tal realidade ainda hoje persiste e se comprova pelo fato de termos acesso apenas a uma mínima parte de seus textos. Também merece atenção como, para além do conteúdo disposto em *Quarto de Despejo*, raramente se menciona, enquanto ponto fundamental para uma análise da sua obra, os desejos reais da então catadora e sua persecução incessante às suas aspirações literárias. Logo, a um leitor que, qual a maioria, não é inteirado sobre a trajetória da ex-catadora e segue o encaixe das análises corriqueiras de *Quarto de Despejo*, não seria estranho que imaginasse, de maneira errônea e quiçá involuntária, uma Carolina de Jesus que, ante o monolítico grupo identificado como favelados, era isenta de qualquer dissemelhança ante seus vizinhos também dissemelhantes entre si, a não ser por ela, talvez por razão de um acaso, ter narrado suas memórias em um momento pontual de sua vida.

Sua produção ficcional, por fim, se ofuscou pelo mesmo aspecto que a fez erguer-se escritora publicada e *best-seller*: sua forma de representar sua classe e que só poderia se efetivar numa escrita do seu cotidiano necessariamente restrita às fronteiras de uma sobriedade documental descaracterizada o suficiente de aspectos eloquentes de alguma identidade de autora literária. Um dos efeitos produzidos por isso é o que Luciana Paiva Coronel observa em seu artigo, *A Censura ao direito de sonhar em Quarto de Despejo*, ao mencionar esse apagamento da voz autora como fator que conduz o leitor facilmente a tratar as memórias e a escrita de Carolina por “(...) produto espontâneo de seu tempo, surgido sem o gesto criador e a marca particular daquela que o gestou.” (CORONEL, 2014, p.275). De atributo particular da obra, o que por fim salta primeiramente aos olhos do público da “sala de visitas”, da crítica, da imprensa etc., são fatores pouco relevantes ou que só engordam o estereótipo atrelado ao livro, como os desvios gramaticais, seus agouros de favelada, e, tudo isso, ainda abordado num tom de exotismo.

A favela que a própria Carolina narra, contudo, longe de se compor de modo homogêneo como se pretendeu, consiste em um conjunto intrincado de casos em que a fome, a violência, as intrigas, taxas abusivas cobradas para se viver miseravelmente, conflitos familiares entre favelados etc., são apresentados em vários matizes a partir de

cada experiência de vida dos indivíduos, que se mostram, na própria escrita da autora, personagens de atributos muito distintos. Evidência disso é a maneira que muitos favelados entram em contradição com as ideias da catadora.

Todavia, se isso parece perfeitamente natural de ocorrer seja dentro ou fora dos meios marginalizados — e considerando também que o que ajuda a balizar a personalidade das pessoas é, frequentemente, a maneira de se posicionar —, em *Quarto de Despejo*, os confrontos situam a escritora num lugar de heroína que contém a palavra última do que é justo e injusto em seu círculo. Essa posição em que a Carolina de Jesus é posta torna-se danosa para a construção do caráter da autora como uma pessoa complexa que, como as demais, vive também de seus erros, contradições e preconceitos.

A partir dessas conclusões, encontro um dos pontos, no início mencionado: o das supressões, substituições e demais opções editoriais; ponto este que se liga ao conteúdo da obra da autora.

Entre a escrita e a publicação

Muitos dos traços da Carolina de Jesus de *Casa de Alvenaria* eram, também, presentes na escrita de *Quarto de Despejo*. A exposição feita por Elzira Divina Perpétua através da leitura dos manuscritos dos diários da então favelada, ajuda a revelar a personalidade da autora ocultada por detrás das intenções da edição. Segundo a pesquisadora, há modificações de Audálio Dantas que se relacionam mesmo aos pensamentos da catadora diante a vida, que contêm “ (...) observações lúcidas, carregadas de violência, de humor, amargura, revolta ou resignação (...) (PERPÉTUA, 2014.p.152).”

Se as alterações tinham, em relação ao leitor, fim de expor uma situação trágica, provocar a comoção e a indignação popular diante o cenário em que a autora está situada, por outro lado o sentimento agressivo e revoltado de Carolina de Jesus, que seriam naturais diante os absurdos vivenciados, são em grande parte retirados do livro, esboçando a autora como alguém ao mesmo tempo alvo das maiores injustiças, narradora lúcida destas, mas dona de uma passividade não condizente com sua realidade; como uma mulher acometida de uma docilidade e uma inércia incômodas ao leitor que, no decorrer das páginas, tem sua leitura conduzida amiúde por uma comiseração que diminui a força da personalidade da autora enquanto a martiriza.

Traços de agressividade e aspereza, que poderiam aparecer como fruto das injustiças das quais era vítima, dentre as quais destaca-se fome, adquirem forma, na verdade, de uma inação na qual Carolina é abafada por essa mesma fome e por essa mesma miséria, que invertem seus papéis na trajetória da autora, sendo uma pobreza que menos provoca uma ebulição dos seus ânimos, que menos atua como combustível de seu modo de ser, modo este em que a escrita entra como protagonista da sua vida; contrariamente, fome e pobreza, pós editoração, situam-se mais como aspectos que a imobilizam e fazem com que sua escrita seja mais um gesto nobre de um mártir quieto, um gesto heroico e que, por sê-lo, deve ser comedido além da conta — afinal, lembremo-nos, mais uma vez, da responsabilidade depositada sobre a autora de ser metonímia dos favelados.

Tendo sido realocados os papéis da fome e da miséria nas memórias da autora, dá-los maior ênfase no processo de editoração só poderia contribuir para transmitir a perspectiva almejada.

A fome de Carolina Maria de Jesus, como já reforçado, é elemento não apenas presente, mas constitutivo à obra da autora de maneira inextricável. Mas, para alcançar o objetivo da editoração, a ênfase dada às penas da autora não se priva de tornar a fome ainda mais aparente, mesmo quando isso encontra contradição no próprio manuscrito. Exemplo se revela no trecho em que ela escreveu sobre seu filho falando a si: “A senhora disse-me que não ia comer as coisas do lixo.” (Registro de 20 de maio de 1958), que sofre acréscimo do advérbio “mais”, de forma que “(...) não ia comer mais as coisas do lixo” altera o sentido da sentença de modo que se entende que a ex-favelada praticava tal ato com uma dada recorrência.

Interferências maiores se darão por Audálio, todavia, ao se tratar das partes removidas, como no trecho seguinte que Perpétua transcreve:

[Dêixei o lêito as 5 e mêia. Não fiz café. Fui carregar agua. Dei pão com banana para os meninos saí de casa, as 7 horas. Não estava nervosa. Não tinha versós no cerebro. Estava tranquila. Fitei o espaço com sua côr azulada e as nuvens girando, em direção ao poénte. O sol com seus reflexos côr de ouro estava calido, E eu, comecei transpirar. Dei graças a Deus, quando a brisa surgiu para arrefeçer um póuco. Fitava as avês que deslisavam no espaço como se fôssem impelida pela viração] (JESUS, 1958 apud PERPÉTUA, 2014.p.159).

O trecho que restará de toda essa descrição do dia será unicamente o que se segue ao parágrafo acima citado, que foi inteiramente suprimido: “Achei o dia bonito e alegre. Fui catando papel”. Esse é um dos exemplos nos quais, diante um único dia ameno, ao qual é dedicada uma descrição repleta de lirismo, tudo se reduz a uma afirmação vaga e sem floreios em que, primeiramente, o leitor não encontra transmitida na escrita sempre descritiva e reflexiva de Carolina de Jesus a beleza e a alegria que ela afirma sentir; em segundo lugar, ocorre a perda do teor poético sempre tão caro à autora e que, no caso citado, ela o expressa em relação à paisagem da qual se vê diante.

A narrativa dos dias em *Quarto de Despejo*, é certo, é composta de uma sequência de desventuras que impactaria o leitor independente das alterações feitas por Audálio Dantas. Porém, novamente para atender à sua proposta, ele manuseia até mesmo as situações da narradora em que não há grande presença do sofrimento. Isso, mais uma vez, está totalmente ligado às passagens sobre a alimentação e sobre a fome. Partes principalmente ligadas à Dona Julita, para quem a então catadora trabalhava. Julita, além de quem pagava Carolina por seus serviços, era quem lhe fornecia alimentos, roupas, presentes e gestos afetuosos, fazendo com que a autora a ela se referisse como “minha irmã branca”. Muito embora tenha sido relevante na vida de Carolina de Jesus, tal personagem sofre um apagamento quase completo no diário publicado, díspar do manuscrito, em que ela é personagem frequente e fornecia à escritora uma alimentação quase diária. Acerca de Julita lê-se numa das partes suprimidas do diário:

Ela deu-me café sabão abacate comida e disse-me que depòis ia dar-me dinheiro pórque o senhór João não havia dêixado dinheiro em casa. Eu disse-lhe que não precisava pórque ela já me da tanta coisa. Ela repetiu que ia pagar-me. (JESUS, 1958 apud PERPÉTUA, 2014. p.163).

A supressão dessas passagens com Julita se justifica pela tentativa de não nos fazer desviar do foco de lembrarmos-nos o impacto das distâncias sociais entre as classes, o contraste entre o “quarto de despejo” e a “sala de visitas”; impacto que, embora fosse muito latente em quase todos setores da vida da escritora, em alguns momentos ela o destacou menos do que a publicação final deveria revelar, menos do que era necessário para suprir as expectativas criadas e para corroborar com o que a visão do editor apregoava. Em resumo, o papel de Dona Julita era intruso na imagem da pobreza que deveria ser projetada. Outros recortes seguirão a mesma ideia de dar mais miséria a uma Carolina de Jesus já tanto através dela moldada. Cita-se:

Cheguei na rua Frei Antonio Santana Galvão 17 trabalhar para a Dona Julita. {...} [Ela deu-me café, batatas doce abacate e comida.] {...} Achei um cará no lixo, uma batata doce e uma batata salsa. Cheguei na favela os meus meninos estavam roendo um pedaço de pão duro. (JESUS, 1958 apud PERPÉTUA, 2014.p.164).

Ela então prossegue:

Amanhã não vou ter pão. Vou cosinhar [as batatas] <a batata> docê [que a Dona Julita deu-me.] (JESUS, 1958 apud PERPÉTUA, 2014.p.164).

As partes em *itálico* e entre colchetes são referentes às supressões que, aqui, alteram o significado do dito pela ex-favelada de maneira a dar a ideia que a alimentação disponível para ela era apenas aquela encontrada no lixo e restrita a duas batatas e um cará, e não os alimentos dados por Julita. Muitas das supressões de Audálio Dantas voltadas à alimentação caminham nesse sentido, de excluir os momentos — já pouco frequentes — em que auxílios externos são recebidos.

Situação semelhante ocorre em 31 de julho de 1959, em que, na publicação, uma única sentença compõe o dia da autora: “Eu disse para os filhos que hoje nós não vamos comer. Eles ficaram tristes.” Ocorre que, no manuscrito, o dia decorre de maneira positiva. Nele a autora toma a atitude — lembrando que atitude por parte dela é algo na publicação quase inteiramente removido — de pedir auxílio a Therezinha Beker, que a fornece leite Ninho, meio quilo de café, um sabão e quarenta cruzeiros. Após a queixa de seus filhos não terem o que jantar, Beker ainda lhe dá Biotônico Fontoura e passa a Carolina Maria de Jesus o telefone de Dona Maria, quem lhe daria 500 cruzeiros. Ela, por fim, pede a João José, seu filho, para comprar vinte cruzeiros de linguiça e, então, a prepara em acompanhamento do arroz, que todos comem tomando o Biotônico. O dia termina com a sentença “ — *Fiquei alegre e cantamós*”, mas, juntamente às partes descritas acima, ela é removida.

Exemplo semelhante é presente diante Vera Eunice doente. Audálio Dantas optou por retratar Carolina de Jesus em uma condição em que ela se vê não apenas incapacitada de fornecer alimento à sua filha, mas de tomar atitude de recorrer ao pai de Vera para lhe pedir dinheiro e, assim, comprar os medicamentos necessários. A autora, na verdade, o fez durante a madrugada, levando os fármacos à filha às cinco horas da manhã. Aqui, mais uma vez, somos induzidos a nos vermos defronte a uma pessoa

que, imóvel – diferentemente dos manuscritos –, não se deslocou e se desdobrou, para ir atrás do que estava mesmo além do seu alcance para sanar os problemas de Vera Eunice.

Compreendendo que Carolina Maria de Jesus não era essa figura que apenas sofria os impactos de sua realidade, mas que, muito mais, atuava como sujeito da própria história, mesmo em meio a tantos dissabores sobre os quais não podia ter controle, podemos sugerir que, como habitual a qualquer pessoa, o ânimo que movia a autora não se restringia apenas a atitudes de impulsos nobres.

A escritora de *Quarto de Despejo*, na verdade, amiúde agia de maneira enérgica como modo de sobrevivência em sua atmosfera, o que dialogava com seu fim de escapar de sua realidade miserável. Assim, no propósito ainda de forjar uma personagem ao mesmo tempo heroica e vítima inerte, não bastava que fossem suprimidos os trechos em que Carolina de Jesus tinha espaço para respirar entre uma e outra mágoa de sua vida; a figura da favelada elaborada por Dantas não poderia entrar em contradição ou embate com o propósito que regia o diário. Dessa forma, houve o cuidado do editor de remover as partes nas quais a autora emite qualquer juízo negativo sobre integrantes de mesma posição social. O que permanece no livro é apenas uma tonalidade mais branda da sua aspereza em relação a muitos favelados. Se fiel ao manuscrito, o tom espinhoso da escrita presente em *Quarto de Despejo*, longe de sinalizar a um ódio de classe, romperia com a ideia motora da publicação e poderia vir a mostrar uma favelada que tem suas opiniões e sentimentos individuais que, mais uma vez, a distinguem dos demais favelados, assim como os marginais também se distinguem entre si. Nós, todavia, ao longo das páginas do livro, apesar de levantarmos a cabeça defronte a momentos de grande agonia dos fatos relatados pela autora, em simultâneo temos uma leitura quase sempre em consonância com tudo o que Carolina Maria de Jesus revela de seus pensamentos e ações; ou, ainda, somos conduzidos, quando suprimido parte do ânimo aceso da então catadora na editoração, a uma piedade religiosa nos trechos em que ela tem como única reação declarar sua tristeza ou derruir-se em pranto. A supressão de algumas outras partes relevantes para a construção da personagem alcança, também, outras frentes; uma delas será exposta adiante.

Embora o uso do “português clássico” seja presente na edição publicada de *Quarto de Despejo*, por outro lado os espaços em que Carolina evidencia seu contato com pala-

vas mais rebuscadas ou cita autores, sofre substituições. Palavras complexas dão lugar a termos populares, coloquiais e até mesmo de baixo calão, não permitindo — na percepção do editor — que aquela Carolina dos manuscritos pudesse se deslocar da sua própria condição social a partir do uso da língua. Elzira Perpétua observa a substituição de, por exemplo, “Ouvi o rádio divulgando” por “Ouvi no rádio”, “expeliu os vermes” por “botou os vermes”, “havia” por “tinha”, “existe” por “tem”, “notívagos” por, simplesmente, “homens”, “excrementos” por “bosta”, “lhe conhece” por “conhece ele”. Tudo isso contribuindo à imagem de uma pessoa que, sendo favelada, deve se expressar afinada ao diapasão de uma pobreza estereotipada, do populacho, da pessoa pouco escolarizada. A opinião da autora sobre a reação das pessoas com seu modo de falar, todavia, é bem expressa em *Casa de Alvenaria*: “(...) sera que o preconceito existe até na literatura? O negro não tem o direito de pronunciar o classico?” (JESUS, 2021.p.69). Quanto ao seu interesse pelos livros e pela cultura, estes aparecerão quase como um princípio apenas pregado pela autora e não como algo presente em seu modo de agir.

Em casa de alvenaria

Com lançamento e sucesso de *Quarto de Despejo* e depois de ter Carolina Maria de Jesus se concretizado como um símbolo, sobretudo ao emergir, de trapeira da favela à fama, da fome e miséria à barriga cheia, era interesse da imprensa que a autora estivesse sob os holofotes até o momento da efetivação deste processo, isto é, da sua mudança do barracão para a casa de alvenaria.

A imagem de uma Carolina de Jesus que, como cunhada por Audálio Dantas no prefácio da primeira edição, era “a chave que abriu a porta aos favelados”, parece perder a nitidez no momento em que, na representação máxima do sucesso da autora, que era sua saída da favela, muitos dos favelados reagem a isso com agressões físicas, gritos inflamados e ameaças. Este é o início de *Casa de Alvenaria* e é quando a autora demonstra ter consciência da incompreensão dos habitantes do Canindé em relação ao seu livro. Todavia, a ex-catadora que deixa a favela, em sua nova obra, tem voz mais tesa, tem até mesmo um arrojo que, sem as fronteiras dantes, às vezes se confunde com rudeza.

No rumo do que fora dito acerca da personalidade da autora ser cuidadosamente manuseada por Audálio Dantas antes da publicação de *Quarto de Despejo*, no texto integral de *Casa de Alvenaria* já observamos a autora fazer afirmações que poderiam dar margens a más interpretações, como, por exemplo em conversa com David St. Clair, em que ela parece atribuir a culpa da miséria dos pobres a eles próprios: “Citei-lhe que os pobres do Brasil não tem vontade de estudar. Não gosta de lavoura” (JESUS, 2021.p. 41). St.Clair se opõe ao que sua amiga disse. Muitos dias depois, sendo entrevistada, Carolina Maria de Jesus também emite opiniões questionáveis ao falar que dentre os maiores benefícios da vida fora da favela está o estilo de conversa da sala de visitas, pois que “(...) a linguagem da favela é o calão” (JESUS, 2021.p.69) E a ex-favelada, como sempre ressalta, é afeita à linguagem que mais se aproxima do que ela chama de “português clássico”. Diante uma pergunta sobre sua recepção pelos favelados mais uma vez sua resposta pode ser problemática: “ Os favelados odeia a que consegue sair da favela. Eles não levam nada a sério não cultivam ideal de vencêr os obstaculos da vida” (JESUS, 2021.p.69). E, sobre as empregadas domésticas: “(...) as domésticas são prepotentes, impõe suas condições — quer ganhar 5 mil cruzeiros. E sair durante o dia, e não trabalha aos domingos (...)” (JESUS, 2021.p.73). Ao emitir queixas sobre seus filhos: “ Eles não reconhecem meu esforço, quero lutar para comprar uma casinha para eles. Mas os pretos são péssimos filhos. São metaes inutil” (JESUS, 2021.p.III). No mesmo dia a autora ainda discorre, de maneira um tanto negativa, sobre como os judeus prejudicam os negócios e as empresas. Posteriormente, ao tratar de como devem as mulheres submeterem-se aos homens: “quando a mulher é grosseira o homem deve ser enérgico, podendo até expandá-la” (JESUS, 2021.p. 119).

Vestígios de uma fome que não finda no estômago

Existe uma série de outros exemplos semelhantes em que Carolina Maria de Jesus emite posições conflitantes com a realidade de seu país e com convicções dela mesma. Mas isso não consiste em um problema grave, até porque o contraponto do que ela escreve sobre os favelados constantemente será encontrado nas páginas da própria

autora, e, nesse sentido, as contradições entre os escritos de dias distintos faz emergir do seu diário uma personagem muito mais profunda e complexa do que aquela de *Quarto de Despejo*; diante da qual, em momentos variados, experienciamos, nós mesmos, posicionamentos variados acerca do que ela expressa. Diversas afirmações controversas da autora, ao fazermos um balanço de suas opiniões, acabam por não soar mal-intencionadas e, sim, como uma exaltação pontual nada incomum, uma vez que muito maior e melhor elaboradas são as declarações da autora que nos evidencia que, mesmo saindo da favela e da pobreza, a mudança súbita de sua vida para melhor, longe de embaçar sua visão sobre a miséria, tonifica sua maneira de pensá-la.

Isso se percebe, por exemplo, quando, ao se ver presente em eventos e lugares de prestígio, junto a pessoas influentes e de classes altas, no pensamento de Carolina de Jesus e, por reflexo, na escrita do seu diário, a contemplação do seu entorno a convida a deslocar sua mente do local sofisticado em que está situada e, como a partir do campo de visão de uma grande-angular capaz de colher o contraste entre o extremo das duas realidades em que esteve, estabelecer um paralelo entre o movimento brusco da sua vida. Isso decorre a partir de uma espécie de solilóquio interno à autora, no qual o ato de conjecturar sobre as coisas que envolvam sua realidade atual significa remeter à falta delas: olhando a abundância à sua frente a escritora se nutre da consciência da fome dos favelados naquele exato momento; diante do desperdício alimentar, os restos de que vivem os pobres são evocados em sua memória; a atmosfera de sua casa de alvenaria recupera a situação dos barracões dos marginais que se alagam; pensar que a literatura que a impulsionou camadas sociais acima pela publicação de *Quarto de Despejo* é menos um orgulho de si e mais um mote para que ela enxergue a cultura como instrumento efetivo para quem ainda está situado às margens.

Momentos são fartos em que a temática da fome e da pobreza rondam suas afirmações. Quando se encontra na Faculdade de Direito da USP, homenageada e entrevistada pelos alunos, ainda que emocionada pelas ovações que recebera, o pensamento que por fim lhe resta não é o contentamento: “Esta faculdade que já libertou os escravos, precisa libertar os favelados” (JESUS, 2021.p.47). Ao andar de ônibus, agora sem se deslocar pela obrigação de buscar alimentos ou se dirigir a locais em seu ofício de catadora, seu pensamento não se esquia de pensar sobre a condição do operário que vive na condução:

Fico horrorizada vendo o sacrifício do operário para pegar condução de manhã para ir trabalhar. Uns vão de pé, outros, vão sentados. Penso, quando eles chegam ao trabalho já estão exaustos. (JESUS, 2021.p.48).

Outra dessas divagações da autora se exemplifica quando, ao final do “baile do Fidalgo Club do Fassano”, rodeada de pessoas importantes, admirando as mulheres bem vestidas, seu pensamento é sobre os “(...) pobres que estão espalhados pelo mundo” e continua em seguida:

Uns dormindo nos albergues outros nas favelas, outros nas fazendas, porque quem trabalha para o fazendeiro não enriquece. O colono entra pobre para uma fazenda e sai mais pobre, porque sai da fazenda dessiludido, convencido que não adianta trabalhar. Pensei este povo que está presente gastam uma fortuna consigo, para apresentar-se no público. (JESUS, 2021.p.62).

E, principalmente, em situações que envolvem a alimentação: “... sentada nos restaurantes chiques eu pensava nos infelizes de São Paulo, que catam os restos de feira para comêr” (JESUS, 2021.p.150).

São numerosas, também, as situações em que, em conversa com pessoas, sejam elas de cargos elevados ou com quem se depara em seu cotidiano, a autora se queixa — mesmo agora com pleno acesso ao bem-estar e à alimentação regular — do custo de vida do brasileiro, chegando mesmo a mencionar que uma de suas funções no mundo é escrever contra tal problema. E, diferentemente do que se vê no momento em que escreve *Quarto de Despejo*, a indignação e o clamor de Carolina Maria de Jesus agora não refletem a fome que ela sente na pele, mas que já é parte de um passado que não fica posposto ao esquecimento, e, sim, gera — ou ao menos lhe surge espaço para o demonstrar — um determinado entendimento do funcionamento da sociedade e do que aprofunda o sofrimento dos pobres:

Naquele tempo o Brasil era pobre porque o nosso ouro ia para Portugal — Hoje, o Brasil é pobre porque as verbas do país, não vae para o tesouro. Vae para os bôlsos dos maus politicos, que duplicam dia a dia igual as estrelas do céu. (JESUS, 2021.p.95).

Ou, num segundo exemplo — este de caráter um tanto anti-imperialista:

Todas obras de um país, tem que pertencer aos naturaes. A interferência de outros países suga a seiva que deve beneficiar os naturaes. Meu avô dizia: — Branco faz, negro olha e cala a bôca. (JESUS, 2021.p.139).

O que a ex-favelada faz transparecer, com várias das suas afirmações, é uma im-

possibilidade, posto o seu passado, de, em seu presente, ela se alhear de todas as penas às quais estão subjugados os favelados, os pobres e os famintos. Junto a isso, a autora vive uma contínua busca de ocupar um espaço em meio à sua nova realidade, posta a sua condição de mulher que se deslocou de catadora marginalizada, forjada na fome, no lixo, no extremo da falta de condições, a uma vida razoável em uma esfera letrada, intelectualizada e que representava o oposto do meio em que antes residia. Carolina de Jesus deixa isso nítido: “Eu ainda não habituei com este povo da sala de visita. Uma sala que estou procurando um lugar para sentar...” (JESUS, 2021.p.92). Além de uma afirmação direta como a anterior, o seu cotidiano fornece material para que tal lógica se ateste em diferentes formas no diário: “Já habituei quando passo por uma rua olho se as latas de lixo já estão na rua” (JESUS, 2021.p.116). E, novamente, ao divagar sobre o assunto: “Tenho a impressão que os infelizes que passam fome, são meus filhos. Eu sai da favela. Tenho a impressão que sai do mar e deixei meus irmãos afogando-se (...)” (JESUS, 2021.p.150).

Conclusão

Os aspectos acima ajudam na compreensão de como a autora, mesmo com seu objetivo alcançado de sair da favela e com a sua fome sanada, não se desvencilha do seu modo de ler a realidade.

Em último lugar, nos cabe conduzir ao encontro os pontos suscitados no texto e dá-los um curso comum e melhor delineado. Tomo por premissa a ideia formulada nas primeiras páginas deste artigo, a ideia de uma Carolina de Jesus que não aborda a fome e a pobreza apenas quando as cita, mas que estas pronunciam-se em toda a sua obra, pois estes aspectos filtram a interpretação de mundo da autora.

Por este ângulo, a supressão que se faz dos termos advindos do que a autora cunha de “português clássico” opera de modo a suprimir a mencionada manifestação — agora sendo realizada por ela mesma —, do que Carolina de Jesus acreditava e pregava ser um modo de resistência à fome, que era a ingestão da cultura e de sua expressão escrita, capaz de ser utilizada enquanto afronta, esquiva, artifício de libertação e, no caso da autora, especialmente, um elemento fundamental que a constituía.

Em razão disso, os termos de uma linguagem culta salpicados em meio ao modo narrativo que se guia com características da oralidade, especialmente na maneira de escrever e acentuar as palavras, são eloquentes sobre a trajetória da própria autora: enquanto passava o dia andando pela cidade catando objetos que comercializados podiam — na melhor das ocasiões — oferecer uma alimentação parca a si e aos seus filhos, enquanto tinha seu barracão estabelecido na favela do Canindé, a então catadora, nos poucos tempos vagos e nas muitas madrugadas em que se levantava por decisão ou pelo desconforto da fome, se dedicava a escrever suas obras e a ler os autores canônicos, como sempre fizera, e, por meio deles, ter contato com um vocabulário que não era parte do seu cotidiano. Carolina Maria de Jesus, ao observar seu entorno e compor suas descrições repletas de metáforas e comparações que se incorporavam ao seu tom poético que muito se comunicava com os românticos de escrita erudita que ela lia, fazia com que isso, agregado a uma visão com ponto de partida na periferia, originasse uma representação que ganha sua singularidade na discrepância dos elementos.

Na contramão da chave de leitura proposta — mas sem abandoná-la —, a reação de Carolina Maria de Jesus diante a fome e a pobreza que a ocasionam, quando percebida para além de suas afirmações explícitas sobre essas temáticas, parece desvelar uma intérprete que, ao dispor sua leitura da periferia de uma forma muito própria, salienta a sua particularidade e não a dissolução de sua figura individual, não a fim de se constituir voz definitiva de uma população.

Delimitadas essas fronteiras, amplia-se possibilidade de outras ou outros tantos intérpretes da fome e da escassez emergirem e, emergindo, responderem a um enigma da própria autora:

Quando avistam-me, é que recordam que há favelas no Brasil. Quando eu morrer, o problema será olvidado como decreto de politico que vão para as gavêtas. Será que surge outras Carolinas? Vamos ver! (JESUS, 2021.p.170).

Já sabemos, todavia, que a literatura enquanto antídoto para sofrimentos de ordem vária, sobretudo relacionados à pobreza, era a prescrição mais feita por Carolina Maria de Jesus.

Referências:

- CALVINO, Italo. *Mundo escrito e mundo não escrito — Artigos, conferências e entrevistas*. Companhia das Letras, 2015. 1. ed. Tradução: Maurício Santana Dias.
- CORONEL, L. P. A censura ao direito de sonhar em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, 2014, (44), 271–288. <https://doi.org/10.1590/2316-40184412>
- JESUS, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria: Osasco*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. v. 1.
- JESUS, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria: Santana*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. v. 2.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Editora Ática, 2021. ISBN 978-85-08-17127-9.
- FARIAS, Tom. *Carolina: Uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2018. ISBN 978-85-92736-24-8
- PERPÉTUA, Elzira Divina. *A Vida Escrita de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.



Rubiane Maia, O jardim, Performance [2 meses]. Exposição 'TERRA COMUNAL + Marina Abramovich + MAI' SESC POMPÉIA, São Paulo, Brazil, 2015.
Fotografias: Tete Rocha, Hick Duarte, Victor Nomoto e Victor Takayama

